

IDENTIDADES NA ESPANHA: CLASSIFICAÇÕES JUVENIS

Marisol Goia é Doutora em Antropologia Urbana (Universitat Rovira i Virgili, Espanha) e professora convidada da Fundação Getúlio Vargas.
Email: marisol.goia@gmail.com

Resumo

Nos primeiros meses na Espanha, onde realizei o Doutorado, morei em um alojamento. Apesar da diferença de idade, convivi com jovens de 18 a 22 anos. Neste relato, apresento situações sobre estereótipos de estrangeiros e espanhóis.

Resumen

En los primeros meses de España, donde realicé el Doctorado, viví en una residencia. Pese a la diferencia de edad, conviví con jóvenes de 18 a 22 años. En este relato, presento situaciones sobre estereotipos de extranjeros y españoles.

1) Introdução

Este relato de viagem é um “exercício etnográfico” que buscou explorar a minha condição de estrangeira na Espanha, na cidade catalã de Tarragona. Lanço um olhar de estranhamento sobre a maneira como algumas identidades são percebidas, classificadas e vividas nesse país. Utilizo o termo identidades locais para designar toda sorte de identidades relacionadas a lugares, desde aquelas que se referem a países e nações, até as que se apoiam em referências menores, como cidades, povoados ou bairros. Neste exercício, observo, principalmente, como se classificam algumas identidades nacionais e regionais nas interações cotidianas, um assunto que pode ser banal para um espanhol, mas curioso para um estrangeiro.

Meu interesse pelo tema das classificações e identidades relacionadas ao espaço consolidou-se na minha dissertação de mestrado, onde analisei as representações sobre Ipanema, famoso bairro do Rio de Janeiro. Aprofundei, posteriormente, a elaboração de uma identidade ipanemense pensada por meio de ideias como as de “descontração”, “informalidade”, “liberdade” e “beleza” (Goia, 2007, p.34). Ipanema se presta a uma associação direta com a cidade do Rio de Janeiro, e os ipanemenses são vistos como um emblema do “espírito carioca”, construído pelos meios de comunicação, em grande medida, em oposição ao modo de ser paulista – mais “formal”, “conservador”, “trabalhador” e “careta”. Havia uma ênfase, por parte dos livros e jornais analisados, no fato de que não era preciso nascer ou viver em Ipanema para receber a identidade ipanemense, bastando apresentar um conjunto de características associadas a indivíduos ousados, hedonistas, sensuais, debochados, vanguardistas e criativos. Um ponto que mereceu destaque foi o de que, embora a identidade ipanemense pudesse se desvincular do espaço físico do bairro, era somente em referência a ele que esta adquiria sentido, pois o ipanemense típico refletia uma maneira peculiar de conceber e de se relacionar com a praia, as ruas, as praças e os bares de Ipanema.

As questões e o enfoque trabalhados na pesquisa de Ipanema me acompanharam até a Espanha – o país escolhido para realizar meu Doutorado em Antropologia Urbana. Ali chegando, foi impossível não notar que me encontrava em um lugar muito especial no que toca ao tema das representações e das identidades locais, impressão

particularmente acentuada por ter sido a Catalunha o meu local de destino. Há um esforço permanente de defesa e de afirmação das especificidades dos catalães, com grande ênfase na valorização de seu idioma e das riquezas de sua terra. Por outro lado, a grande diversidade populacional da Catalunha, fruto de uma intensa imigração e circulação de estrangeiros e de espanhóis, torna essa região um bom lugar para se refletir sobre muitas outras identidades territoriais.

2) Estrangeiros e estrangeiros

Embora Tarragona seja uma cidade pequena, com cerca de 115.000 habitantes, sua população é bastante complexa e heterogênea. Grande parte das pessoas que aqui residem, trabalham ou estudam, provém de outros lugares, como os chamados *pueblos*, povoados dos arredores, de outras cidades da Catalunha e da Espanha, e de diferentes países da Europa, Ásia, África e América Latina. A diversidade da cidade, de maneira geral, e da vida universitária, em particular, contribui para que, com frequência, se escute a pergunta: “de onde você é?”. É muito interessante observar a maneira como as pessoas se referem ao seu lugar de procedência e o modo como se reage à resposta dada. Ao dizer que sou do Brasil, por exemplo, a reação nunca é imparcial. Os espanhóis costumam surpreender-se. Levantam a sobrancelha, abrem sorrisos e exclamam: “é mesmo?”. Aqueles com um pouco mais de curiosidade perguntam: “de que *parte* do Brasil?”. Desconfio que essa pergunta reflita uma peculiaridade dos próprios espanhóis, sobretudo daqueles que provêm de *pueblos*, povoados, pois geralmente os associam a uma “parte”, isto é, a uma referência espacial mais ampla e mais conhecida, como a comunidade a que este pertence ou à grande cidade mais próxima. Depois de responder que sou do Rio de Janeiro surgem, imediatamente, os comentários: “Ah! Lá sim é que é bom, tem muita festa, samba, muito carnaval”. O Brasil representa, sem dúvida alguma, o “diferente”, o “exótico”, o “longínquo”. Entretanto, trata-se de um “outro” percebido com simpatia e, até mesmo, com admiração. Não é raro encontrar a bandeira brasileira ou o verde-e-amarelo nos casacos e em objetos exibidos por estudantes ou por pessoas anônimas nas ruas. Por outro lado, é curioso notar não só uma grande falta de conhecimento em relação ao Brasil, sua cultura, seu idioma e a origem de sua população, como também, um certo desinteresse sobre o assunto. Mas isto não deve ser entendido como algo que só ocorra aos brasileiros na Espanha. Como analisou o antropólogo inglês Julian Pitt-Rivers com base em sua própria experiência, trata-se de uma característica da relação dos espanhóis com os estrangeiros de maneira geral:

Apesar do interesse que demonstram pelos estrangeiros que vêm à Espanha, e da hospitalidade oferecida a eles, os espanhóis têm pouco interesse sobre como são os estrangeiros em seu próprio país. Como é a vida na França, Itália ou Inglaterra? Como são os habitantes? Não se interessam. A função do estrangeiro é devolver a homenagem oferecida a eles com tanto gosto. É um público cativante, obrigado por sua condição de forasteiro exótico a expressar admiração maravilhada por tudo o que vê e aumentar assim o prestígio dos anfitriões. Mas, devolver a visita para chegar onde não vai conhecer ninguém? Fica entediado rapidamente. (Pitt-Rivers, 1991, p.40 – traduzido pela autora).

De qualquer maneira, a romantização da imagem do Brasil na Espanha faz com que seja agradável e prazeroso responder de maneira clara e direta que venho do Brasil. Notei, contudo, em duas oportunidades, que isto não é vivenciado da mesma maneira por outros estrangeiros. Em uma festa promovida por estudantes Erasmus¹ que cursam matérias na universidade de Tarragona, perguntei a um rapaz sobre sua procedência. Ele respondeu à minha pergunta enfatizando que já morava em Tarragona há seis anos, pois tinha familiares daqui e que seus pais também viviam e trabalhavam há todo esse tempo na Catalunha. Não revelou ser da Bielorrússia até eu interrogá-lo diretamente sobre o país de onde viera. A segunda situação foi similar. Estava num restaurante com outros estudantes e fomos atendidos pelo dono do estabelecimento, um homem moreno, com traços árabes e sotaque de estrangeiro, que demonstrava simpatia e nos perguntava sobre nossas procedências. Ao devolver-lhe a pergunta, ele disse que vinha de “países alheios”, mas que já havia morado muitos anos na França e que, inclusive, tinha a cidadania francesa. Quando retornou servindo-nos os pratos, perguntei-lhe diretamente sobre o país de onde viera, ao que ele respondeu: “sou da Argélia” e logo repetiu tudo o que dissera antes: “mas já morei muitos anos na França, falo o francês fluentemente”. Percebe-se que, para alguns estrangeiros, falar sobre sua procedência envolve rodeios e justificativas. Nos dois casos, foi notável a tentativa de esconder e de compensar a origem de nascimento demonstrando distinção e integração à sociedade catalã e europeia. Estas atitudes podem ser uma reação ao que já me havia sido comentado antes: para os espanhóis, há “estrangeiros e estrangeiros”. Estes são classificados em grandes conjuntos: os latino-americanos, os chineses, os do leste europeu, os africanos e os “mouros” e, cada um desses grupos está associado a uma série de representações. A fama dos estrangeiros do “leste” não é “nada boa”, segundo uma estudante galega, pois estes estão envolvidos em “delinquências, máfias e coisas escuras”. Conversando com dois rapazes de Tortosa, um pueblo da Catalunha, ouvi as seguintes recriminações aos imigrantes “mouros”: “é uma provocação as mouras usarem o véu fora de seu país... deveria ser proibido... porque no país deles se exige que as mulheres daqui coloquem o véu se quiserem entrar numa mesquita”, “eles não se adaptam aos nossos hábitos de higiene”, “eles fedem”, “são preguiçosos”, “eles estão transformando o meu pueblo”, “eles desvalorizam o preço dos imóveis”. Aos mouros, os rapazes opunham os imigrantes africanos, “os sub-saarianos”, que seriam “mais limpos e mais trabalhadores”.

Dentro daqueles grandes conjuntos de imigrantes, também se percebem especificidades, como é o caso dos argentinos, que se destacam entre os latino-americanos por terem um “bom nível cultural”. Além disso, no terreno das relações afetivo-sexuais, os rapazes argentinos gozariam de determinadas vantagens junto às espanholas, que dizem adorar o sotaque portenho. Os argentinos foram colocados no polo oposto aos marroquinos em uma enciclopédia catalã que dedica algumas páginas ao tema da xenofobia:

¹ “Erasmus” é uma bolsa de estudos que permite a circulação internacional de estudantes pelas universidades da União Europeia.

A assimilação apresenta grandes desigualdades segundo os países de origem: é muito mais elevada entre os argentinos do que entre os marroquinos, por exemplo; aqueles têm mais vantagens no que se refere à qualificação profissional, idade, documentos para a permanência, etc. A situação política do país de origem – o seu nível de desenvolvimento e a sua semelhança com a nossa cultura – também contam: não se aceita da mesma maneira o árabe do que o argentino (*Geografia general dels països catalans: la població*, 1996, p. 330 – Tradução da autora).

Acredito que seria interessante realizar um estudo que observasse e aprofundasse as manifestações, sutilezas e reações ao sistema classificatório espanhol que hierarquiza e valoriza distintivamente os imigrantes segundo suas identidades geográficas.

3) Espanhóis e espanhóis

Embora seja fácil para os espanhóis identificar e classificar o estrangeiro, o caminho inverso parece um pouco mais complexo. É muito difícil para um estrangeiro que está na Espanha compreender quem são e como são “os espanhóis”, e isto se relaciona à grande diversidade identitária das regiões do país. Depois de poucas semanas em Tarragona, morando em um alojamento universitário, com uma imensa maioria de espanhóis, percebi que a divisão do território nacional em comunidades autônomas estrutura de modo marcante a forma como seus habitantes são percebidos e classificados. Muitas vezes, os jovens referem-se uns aos outros levando em conta suas origens regionais, “as galegas”, “o madrilenho”, havendo casos em que a identidade geográfica substitui o nome próprio do estudante, como o “Canário”, de quem não se sabia o verdadeiro nome. Tudo indica que “o espanhol”, como uma identidade bem definida, existe, principalmente, fora da Espanha, o que envolve, pelo menos, duas reflexões: uma sobre as representações estrangeiras sobre essa identidade e outra sobre o modo como os nascidos na Espanha elaboram sua nacionalidade ao migrar para outro país. Embora esta preocupação não esteja no alcance deste “exercício etnográfico”, contribuí para situar o estranhamento de uma brasileira motivada a conhecer o *país* de seus ascendentes maternos e paternos – espanhóis que migraram para a América Latina. Preocupava-me menos com as especificidades galegas, bascas e asturianas de minhas origens do que com a oportunidade de estar na Espanha e usufruir da minha condição de “cidadã espanhola”, já que sempre foi esta a maneira como entendi a identidade da minha família. A experiência apontou para a precariedade da minha visão anterior.

Voltando ao meu cotidiano no alojamento, acreditei, em um primeiro momento, que aquela maneira de classificar as pessoas pudesse refletir, simplesmente, uma tentativa de organizá-las mentalmente segundo sua origem de nascimento. Entretanto, alguns acontecimentos, conversas e comentários observados nessa residência universitária me mostraram o que diziam os pensadores clássicos da Antropologia sobre os sistemas classificatórios: “classificar não é apenas constituir grupos: é dispor esses grupos segundo relações muito especiais” (Durkheim & Mauss, 1999: p. 403).

4) Arquétipos regionais

Talvez, a maneira mais simples de expor minhas observações sobre a classificação das diferentes identidades espanholas seja falando sobre o que circula jocosamente no “senso comum” espanhol sobre as regiões do país e seus habitantes. Chamo esta observação de simples porque percebi que tais estereótipos estão amplamente disseminados e há uma enorme facilidade em falar sobre o que “os outros” dizem, ou, de modo mais impessoal, “o que se diz” sobre algumas identidades regionais. Todos parecem demonstrar que se trata apenas de caricaturas e é um assunto comentado entre risos e sorrisos pelos estudantes observados. Os andaluzes representam a falta de seriedade, a rejeição ao trabalho e o gosto pela diversão e pelas festas. O termo em espanhol recorrentemente empregado para classificá-los é o de *vagos* (preguiçosos). Os madrilenhos são *chulos* ou *pijos*, que significa andar sempre arrumado, bem vestido, apresentando certa dose de prepotência e arrogância. Sobre os catalães, ouvi, certa vez, uma definição que ajuda a entender seu estereótipo: “são os judeus da Espanha”. Simbolizam o povo que trabalha, produz riqueza, mas não compartilha porque é “pão-duro” (*tacaño* é o termo empregado). A existência desses três imaginários é amplamente reconhecida, inclusive pelos estudantes andaluzes, madrilenhos e catalães que conheci. Se atribuíssemos um pecado capital às regiões desses três personagens, teríamos que Andaluzia representa a preguiça, Madrid, a vaidade e a Catalunha, a avareza. Outras identidades também merecem destaque. Os bascos seriam “exagerados”, “radicais” e *bastos*, que significa ser bruto, bronco. Também ouvi uma ideia ligada à sexualidade dos bascos, ou melhor, à sua falta de sexualidade: “*los vascos no saben follar*” (“os bascos não sabem transar”). Dos galegos havia quem os chamasse de “conservadores”, “tradicionais” e “teimosos”, ou também de “meiguinhos”, “bobos” e “ingênuos”.

Estas foram as principais representações que me chegaram aos ouvidos e é significativo acrescentar que, em situações variadas, também se falou sobre os atributos físicos de alguns destes personagens. Não deixa de ser curioso notar uma correspondência entre os aspectos físicos e os de temperamento: os andaluzes são morenos, meio “mouros” e suas mulheres são bonitas, charmosas e sensuais. Os galegos têm traços finos, possuem pele, cabelo e olhos claros por sua “ascendência celta”. E os bascos possuem traços fortes, testa alta, olhos fundos, sobrancelhas grossas, são corpulentos, “parrudos” e suas mulheres são *hombrunas* (masculinas).

Falar sobre imagens estancas poderia parecer uma maneira bastante simplista de refletir sobre a percepção dos espanhóis sobre as regiões de seu país e seus habitantes. Creio, ao contrário, que o tema dos estereótipos pode ser bastante revelador porque permite pensar sobre uma série de questões. Em primeiro lugar, paradoxalmente, é revelador daquilo que esconde: não ouvi qualquer tipo de brincadeira, piada ou comentário sobre os habitantes de regiões como Extremadura, Castilla y La Mancha, Murcia e outras que, surpreendentemente, ocupam enorme espaço no mapa da Espanha. Em uma conversa no alojamento sobre a política econômica do estado espanhol, ouvi o termo *comunidades olvidadas* (comunidades esquecidas) de uma jovem galega que desafiava um catalão: “Quer ver: Aragão! O que você sabe sobre Aragão?”. Outra estudante, da cidade de Soria, comentou-me, certa vez, que o termo correto para

designar os nascidos em sua comunidade, Castilla y Leon, seria *castellano-leonés*, entretanto, segundo ela, esse termo nunca é empregado. Acredito no interesse do tema na medida em que nos faz pensar sobre a importância das categorias classificatórias para a força simbólica de uma identidade. Assim, pode-se relacionar de maneira significativa a ausência ou a fraca difusão de imaginários e de brincadeiras relacionadas a algumas comunidades autônomas da Espanha à ausência, o esquecimento ou o desuso de palavras que se refiram a suas identidades.

Em segundo lugar, o tema dos estereótipos aponta para a relação entre representações e práticas. Não pretendo sugerir que exista um fundamento “na prática” para a construção desses imaginários, nem é a minha finalidade comparar comportamentos em busca das supostas diferenças entre os espanhóis. O que pretendo dizer é que, embora seja unânime o reconhecimento de que “o que se diz” são apenas ideias ou maneiras jocosas de debochar do “outro”, esses estereótipos não se mantêm apenas no campo das representações, mas invadem, também, o terreno das práticas. Por exemplo, certa vez, ouvi um catalão dizer que quando está em companhia de outros espanhóis não-catalães em uma mesa de restaurante, ele procura ser o primeiro a tomar a iniciativa de pagar a conta – como uma resposta à fama de *agarrados* (“mão-fechada”) atribuída a seu povo. Pode-se pensar que, ao se colocar no papel que lhe reservam, mesmo que seja para negá-lo, incorpora-se e legitima-se a “brincadeira”, transformando o que antes era imaginário e fantasioso em concreto e real.

A conversa anteriormente citada sobre a política econômica do governo espanhol também pode ser ilustrativa da maneira como os posicionamentos políticos, e, por que não desconfiar inclusive das práticas políticas? – são afetados por esses imaginários regionais. A jovem galega mostrava-se indignada com a quantidade de subsídios econômicos recebidos por Andaluzia, tanto do governo espanhol, quanto da Europa: “A Andaluzia é que deveria pedir independência! Porque não contribui com nada e só quer receber! Só querem saber de festas e não querem trabalhar! São uns preguiçosos! Que parem com as festas e trabalhem!”. Não foi com menos surpresa que presenciei a reação calma e convicta do estudante catalão que participava da conversa: “Pra mim isso é uma questão de raça. Eu acho que eles são assim por causa da raça deles. É igual a coisa dos mouros; que são preguiçosos por causa da raça”. O mesmo rapaz, dias depois, me mostrou que orientava outro tipo de decisões e de escolhas por essas crenças. Falávamos sobre os “bons” lugares para se fazer turismo na Espanha. Ele dizia que o “norte” era muito bonito e sugeria que eu conhecesse o País Basco, a Cantábria e a Galícia. Disse nunca ter ido à Galícia e manifestou o seu desejo por conhecê-la, ao contrário de Andaluzia: “Andaluzia não. Eu não tenho vontade de conhecer o sul. Eles são diferentes, são atrasados. Lá é como um lugar ‘de antes’”.

Percebe-se como certas representações têm poder de gerar comportamentos. No caso aqui focado, observa-se que elas podem se manifestar em diversos âmbitos, como na maneira de lidar com o dinheiro, nas opiniões políticas, no interesse turístico e cultural, e também na falta dele, e imagino que em inúmeras outras decisões, escolhas e ações praticadas pelos habitantes da Espanha. Acredito que este ponto mereceria uma reflexão, uma análise sobre a tênue fronteira que divide o que é considerado uma brincadeira, uma representação “popular”, “senso cumum”, que circula na mente “dos

outros”, daquilo que é vivido de modo pessoal, concreto e tangível nas práticas e nas relações cotidianas.

5) Norte e sul: nós e os outros

Através do comentário acima mencionado, sobre os lugares que mereceriam ser visitados por um turista e sobre aqueles que não valeriam a pena conhecer, revela-se uma outra maneira de perceber o território espanhol e as identidades locais. Trata-se de um sistema classificatório mais abrangente que opõe o norte ao sul da Espanha. No norte se localizam as três comunidades de maior distinção identitária, com culturas e idiomas próprios; Galícia, País Basco e Catalunha. Em determinados contextos, essas regiões são pensadas como um mesmo conjunto. A conversa com a galega e o catalão serve como exemplo dessa “aliança”, já que, naquele momento, ambos identificavam o mesmo “outro”; estavam unidos por uma oposição à Andaluzia. Esta comunidade, por sua vez, conforme me explicava didaticamente um outro estudante, simboliza, mais do que qualquer outra, o que se exporta como “*la hispanidad*”, a imagem internacional do país; a Espanha da dança flamenca, das touradas e do idioma castelhano.

Em outra situação também pude observar sutilezas das distinções identitárias e, mais especificamente, sobre as oposições simbólico-espaciais “norte x sul”. Entreguei papel e caneta a alguns jovens que saíam do almoço no alojamento e pedi para que me fizessem o mapa da Espanha com as fronteiras entre as comunidades autônomas. Meu intuito era ver de que maneira o território espanhol era lembrado e representado. Foi um momento de grande agitação, principalmente porque havia um estudante madrilenho entre uma maioria de catalães. Houve um clima de descontração, com uma troca de provocações. Os catalães me alertavam para prestar muita atenção no madrilenho, que iria aumentar as dimensões de Madrid e excluir a Catalunha de seu mapa de modo mal intencionado. Este, por sua vez, também em tom irônico, me explicava que a Catalunha não merecia atenção, que era “um nada” e que não tinha nada, ao que retrucou, imediatamente, um dos catalães: “pelo contrário! Aqui tem tudo! Tem tudo o que não tem em Madrid! Por que você veio pra cá? Porque aqui tinha o que você queria estudar e em Madrid não tinha!”.

Os estudantes diziam não saber das fronteiras entre as comunidades com exatidão e se preocupavam em desenhar da maneira mais fiel possível ao mapa “oficial”. Os que iam se aproximando tentavam ajudar e davam palpites aos que já estavam desenhando. Foi quando escutei de um rapaz catalão: “Isso... agora falta Andaluzia... isso, é aqui embaixo... assim... num formato de merda”. Depois de comparar os mapas que me foram entregues ao que comprara numa papelaria de Tarragona, confesso minha surpresa ao notar que aqueles eram bastante “corretos”, ou seja, não apresentavam indícios de “distorção” em relação ao número ou ao tamanho das comunidades. O mais curioso, entretanto, foi reparar na presença e na ausência de alguns detalhes. Um dos estudantes fez uma sátira às “expedições” dos imigrantes de países africanos desenhando um barco lotado de pessoas entre as fronteiras do norte da África e do sul da Espanha. Em outro mapa, a região da Catalunha foi excluída, o que pode ser entendido como a recusa de uma “nação” a pertencer a outra. Há ainda um

mapa em que os estudantes desenharam pequenos sóis e termômetros apontando 40°C e 45°C nos territórios de Andaluzia e das Ilhas Canárias e nuvens chuvosas sobre a região da Galícia.

Através deste último mapa, é possível refletir sobre uma maneira recorrente de classificar os povos segundo a geografia e o clima de sua terra. Pode-se imaginar que as noções de “quente” e “frio”, implícitas no desenho dos termômetros e das chuvas, estruturam uma série de oposições entre os habitantes da Espanha, e servem, inclusive, como uma metáfora de seus antagonismos. Reunindo o que já foi comentado, pode-se sugerir as seguintes oposições entre norte e sul: fechados, sérios, reservados x abertos, alegres, espontâneos; ricos, desenvolvidos, trabalhadores x pobres, atrasados, preguiçosos; frios, secos, assexuados x quentes, maliciosos, sensuais; claros, brancos, europeus x escuros, morenos, mouros. Arriscaria levar essas oposições mais adiante opondo civilização, complexidade e cultura à selvageria, primitivismo e natureza.

6) Fronteiras flexíveis

De maneira genérica, os temas aqui debatidos possuem um ponto comum: todos falam sobre diferentes maneiras de perceber, classificar, representar e diferenciar o “eu” e o “outro”. Contudo, à diferença de outros enfoques, que analisam as identidades com base em representações de idade, religião, gênero, sexualidade ou grupo profissional, o olhar deste trabalho focalizou o *espaço* como a variável fundamental. Disto decorre que a fronteira simbólica entre o “eu / nós” e o “outro / eles” se traduz em fronteiras espaciais. O *nós* é aqui entendido como aqueles que compartilham o mesmo espaço, opondo-se, por conseguinte, ao *eles* – que pertencem a outro espaço. Tratou-se, aqui, de identidades espaciais ligadas a países, comunidades autônomas e regiões (norte x sul). Entretanto, repetindo o que foi dito no início, as fronteiras simbólicas que se constroem em torno das identidades espaciais podem ser mais ou menos inclusivas, podendo demarcar uma relação de pertencimento e de exclusão tanto a espaços de grandes proporções, como os trabalhados aqui, quanto aos de menores dimensões, como cidades, povoados e bairros. De uma forma ou de outra, o interessante é notar a maneira como tais fronteiras se colocam nos diálogos cotidianos, pois é no seio dessas interações corriqueiras que as identidades vão sendo culturalmente elaboradas.

Referências

DURKHEIM, Émile; MAUSS, Marcel. **Ensaio de Sociologia**. São Paulo: Perspectiva, 1999. p 403.

CARRERAS I VERDAGUER, Carles (Dir.). **Geografia general dels països catalans: la població**. Enciclopèdia Catalana: Barcelona, 1996.

PITT-RIVERS, Julian. Los estereotipos y la realidad acerca de los españoles. In: CÁTEDRA, Maria (org.) **Los españoles vistos por los antropólogos**. Madrid. Júcar Universidad, 1991. p.35-50.

GOIA, Marisol. Modos e modas de Ipanema. In: GOLDENBERG, Mirian (org.). **O corpo como capital**. Barueri: Estação das Letras e Cores, 2007. p.32-53.